

O CONCEITO DE SOFT POWER E A EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA ANÁLISE DO CASO DA UNILA

Marjana dos Santos

Resumo: por séculos a forma de manutenção da hegemonia dos países dominantes foi realizada por meio do uso de seu poderio bélico e forças militares, contudo com o passar dos anos e a busca pela pacificação mundial fizeram com que outros atores surgissem no contexto global demonstrado sua importância, é o caso da educação e, nesse contexto o seu papel na construção e manutenção do poder nas relações internacionais, fazendo uso da educação como ferramenta para o desenvolvimento e estratégia diplomática, utilizando-se do denominado por Joseph Nye como “soft power”, buscando influência e poder a partir do patrimônio intelectual e cultural preponderante no país.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso visa analisar e apresentar reflexões sobre o conceito de soft power e a educação. Com estudo de caso da missão e vocação da UNILA e com dados referentes ao ingresso de estudantes na instituição, procura-se verificar se o soft power está presente no caso abordado. O presente artigo está organizado em três partes. Diante da proposta sugerida para o estudo, no primeiro tópico será abordada a evolução histórica e conceitual da educação e as Relações Internacionais. Na segunda parte, dedica-se atenção ao conceito de soft power, ou poder brando/suave. Em um terceiro momento, faz-se uma abordagem de estudo de caso analisando o papel da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, a partir de sua missão e visão, analisando também dados fornecidos pela instituição, para verificar a manifestação do fenômeno conceitual que fundamenta este texto.

EDUCAÇÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O PODER BRANDO

A valorização da educação e percepção do seu papel na sociedade é um fenômeno que remonta aos tempos coloniais na América Latina, em um contexto de dominação, na qual a educação era usada, inicialmente, com o ensino religioso e a palavra escrita, para consolidar a relação de poder entre as metrópoles e suas colônias (NILLO, 2014, s.p). Em publicação na Revista Ensino Superior da UNICAMP, foi relatado que na prática da diplomacia, assim como da dominação, os países têm ampliado seus interesses nacionais através da educação. Na era pós-colonial latino-americana, a educação passou a desempenhar – e ainda desempenha – um papel importante no avanço da influência nacional (PETERSON, 2014, s.p).

Nesse sentido Nillo pondera que

A partir do século XX várias nações desenvolvidas têm usado a educação não apenas como ferramenta de desenvolvimento, mas como estratégia diplomática, caracterizada pelo termo de “soft Power” o que em outras palavras ao invés de usar a força, se usa o poder das ideias e cultura, para influenciar a amizade e cooperação entre os povos (2014, s.p).

Michel Foucault, em “A ordem do Discurso”, argumenta que todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo (FOUCAULT, 2002, p. 12). Considerando o referido por Foucault, pode-se destacar que o processo educativo sempre está conectado à afirmação e à perpetuação de um regime de verdade, defendido e difundido por aqueles que se encontram, em tal contexto, com maior controle sobre determinada sociedade. (NETO, 2016, p. 38). Ainda, Neto pondera que

para o filósofo, **o saber apreendido através da educação formal**, em um processo derivado de interesse societário pela continuidade de um regime de verdade, **tem, por objetivo final, dominar e domesticar o homem para a vida em sociedade**. Saber e poder estariam, dessa forma, totalmente, interligados em uma relação recíproca e cíclica. Em outras palavras, como afirma o próprio Foucault, o exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder (Grifo nosso, NETO, 2016, P. 38).

Immanuel Kant, por sua vez, em seu livro “Sobre a Pedagogia”, menciona que o objetivo da educação é disciplinar e moldar o educando para que esse siga um padrão pré-estabelecido e não pense em agir, autonomamente, para garantir a realização de seus ensejos (KANT, 2002, s.p). Sob essa ótica, podemos aduzir que as antigas metrópoles encontraram, na dominação através das letras e das gramáticas, uma forma muito mais sutil, mas, nem por isso menos eficiente, de exercer uma grande influência sobre os territórios além-mar; promovendo a manutenção das relações de poder já existentes em âmbito internacional (NETO, 2016, p. 44).

Nessa acepção, temos a educação como influenciadora no cenário internacional, pois tal dimensão configura-se pela natureza instrumental da educação, quando é encarada, pelos Estados e entes paralelos, por meio da diplomacia e paradiplomacia, respectivamente, como mecanismo de atuação no âmbito internacional para propagação de interesses. Tais dinâmicas são percebidas por articulações de caráter recíproco (SILVA, 2015, p. 15). Dessa forma, é possível perceber o papel da educação enquanto fator gerador de mudança na formação do indivíduo, apesar de que ainda existem algumas barreiras de acesso à educação, conduzidas por aqueles que detém maior conhecimento. É nesse sentido que ela é usada como influenciadora e

como forma de manutenção de poder. Nessa esteira, vale citar, as palavras de Foucault

A educação pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabemos, no entanto, que, na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais (FOUCAULT, 2002, p. 12).

A projeção da política externa por meio da educação tem sido caracterizada como um mecanismo de *soft power*, que vem a fortalecer a influência de um país em determinados países ou regiões do mundo, podendo serem citadas como exemplo as modalidades de intercâmbio e interação entre alunos, assim como o compartilhamento de pesquisas (SILVA, 2015, p. 34). Ainda, consoante Silva:

Na década de 1970, sob a abordagem neoliberal de NYE e KEOHANE, surge o conceito de interdependência complexa na percepção de que as ações realizadas pelos Estados acarretam reflexos mútuos no sistema internacional, os quais podem denotar ganhos como também perdas. No âmbito das questões educacionais, tais relações podem afetar e/ou alterar a educação do elemento mais volátil de um Estado: o povo. Sendo o estado um organismo socialmente construído, com uma carga educacional intrinsecamente ligada às suas ações políticas e econômicas, pode-se perceber na educação o elemento de tática permanente, ainda que de vital importância no comportamento estatal em meio ao cenário internacional (SILVA, 2015, p.35).

Dessa forma, pode-se inserir o conceito de soft power na discussão sobre educação, visto que a atividade intelectual e educacional tem conduzindo parte das relações internacionais em casos e contextos específicos, como o da UNILA.

O CONCEITO DE SOFT POWER

Joseph Nye Jr., em seu livro *Soft Power The Means to Success in World Politics* (2004, p. 01) discorre que o poder é como o tempo, sendo que todos dependemos disso e falamos sobre isso, mas poucos entendem. Assim como agricultores e meteorologistas tentam prever o clima, líderes políticos e analistas tentam descrever e prever mudanças nas relações de poder. De acordo com o dicionário poder é a capacidade de fazer as coisas, significando assim, a capacidade de obter os resultados que se deseja. Significa ter as capacidades para afetar o comportamento de outros para fazer com que as coisas aconteçam. Então, mais especificamente, o poder é a capacidade de influenciar o comportamento de outros para obter os resultados que se deseja. Existem várias maneiras de afetar o comportamento de outros. Pode-se coagi-los com ameaças, pode-se induzi-los com pagamentos, ou pode-se atraí-los e coopta-los a quererem

mesmo que você quer (NYE, 2004, p. 02).

Para Nye, *soft power* não é apenas influência, pois a influência também pode depender do poder de ameaças ou pagamentos. *Soft power* é mais do que apenas persuasão ou a capacidade de mover as pessoas pelo argumento, embora seja uma parte importante disso. É também a capacidade de atrair, e a atração muitas vezes leva à aquiescência. Simplificando, o poder suave é um poder atrativo (NYE, 2004, p. 06).

É possível a obtenção de resultados desejados sem ameaças ou ganhos tangíveis. A maneira indireta de se obter o que quer, por vezes, foi chamada de "o segundo rosto do poder", ou seja um país pode obter os resultados desejados na política mundial, porque outros países admirando seus valores, seguindo seu exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade querem segui-lo. Nesse sentido, também é importante definir a agenda e atrair outros na política mundial, e não apenas forçá-los a mudar ameaçando a força militar ou as sanções econômicas. Esse é o poder suave, fazer com que os outros desejem os resultados que você deseja, cooptar em vez de coagir (NYE, 2004, p. 05).

Consoante o cientista político o *soft power* de um país recai principalmente em três recursos:

cultura (em lugares onde é atraente para os outros), seus valores políticos (quando ele depende deles em casa e no exterior), e suas políticas externas (quando são vistos como legítimos e com autoridade moral). Vamos começar com a cultura. A cultura é o conjunto de valores e práticas que criam significado para uma sociedade. Tem muitas manifestações. É comum distinguir entre cultura alta, como literatura, arte e educação, que atrai as elites e a cultura popular, que se concentra no entretenimento de massa. O apoio governamental aos intercâmbios de alta cultura frequentemente teve efeitos importantes sobre as principais elites estrangeiras, como vimos no capítulo 2. O desenvolvimento de relacionamentos de longo prazo nem sempre é lucrativo no curto prazo e, assim, deixar o mercado simplesmente pode levar ao subinvestimento. Embora o ensino superior possa pagar por si próprio, e as organizações sem fins lucrativos podem ajudar, muitos programas de intercâmbio encolheriam sem o apoio do governo (NYE, 2004, p. 11).

O conceito de *soft power*, que traduzido da língua inglesa significa poder suave, poder brando ou poder de convencimento, foi elaborado pelo cientista político norte americano Joseph Nye, em sua obra denominada *Soft Power: The Means to Success in World Politics* (Soft Power: Os Meios para o Sucesso na Política Mundial). Essa terminologia busca explicar a possibilidade de um país, instituição, grupos políticos, entre outros, de influenciar comportamentos e causar tendências por meio do seu entendimento ideológico e cultural, sem fazer uso de pressões armamentistas.

Seguindo o elaborado por Nye, as teorias de Relações Internacionais permitem identificar três categorias gerais de poder: econômico, militar e ideológico e cultural. Ambas

são importantes, mas a última é muitas vezes negligenciada. Contudo, alguns autores assim como Joseph Nye, veem o *soft power* como uma fonte considerável de poder, o qual é discreto, mas efetivo, pacífico, mas revolucionário ao mesmo tempo (DUARTE, 2013, p. 501)

Se faz necessário referir que o *soft power* existe em oposto ao *hard power*, ou seja,

para Nye, a abrangência do poder de uma nação ocorre por dois meios, o *hard power*, que seria a coerção e a intimidação, e o *soft power*, caracterizado pela persuasão e pela atração. Pode-se dizer, portanto, que o *hard power* é a ação direta enquanto o *soft power* age indiretamente. O *hard power*, dessa maneira, estaria representado pelo poder militar e econômico de um Estado enquanto o *soft power* seria a capacidade de um país atingir seus objetivos por meio da influência de seus valores, cultura e política (MORES, 2012, p.03).

Nye complementa inferindo que a combinação dos conceitos supramencionados, quando um Estado possui tamanha potência e dominação de ambos, atinge um equilíbrio de poder e eficiência, ocasionando o *smart power*.

Detalhando mais o poder de convencimento, podemos aludir, em outras palavras que “a ideia, é conseguir influência e poder utilizando o patrimônio intelectual e cultural que se tem em um país, por exemplo. (NILLO, 2014, s.p).

Nesse sentido, o site Análise Global discorre em sua definição que

Para se entender o Soft Power é importante definir as formas básicas de como o poder é exercido por um ator das Relações Internacionais ante outros. Segundo Nye: “Você pode coagi-los com ameaças. Você pode induzi-los com pagamentos. Ou você pode atraí-los ou coopta-los.”

Sabendo como o poder pode ser exercido, cabe a pergunta: mas enfim, o que é o poder? Nye define assim: “(...) poder é a habilidade de influenciar o comportamento dos outros para conseguir o resultado que se quer.”

Toda a questão do poder está ligada a legitimidade de quem o exerce. Quanto menor o grau de legitimidade, mais tal possuidor do poder deverá buscar meios calcados na coerção para que tal poder possa ser eficaz, culminando com o cumprimento de seus anseios. Já em um quadro em que o possuidor do poder também tenha um maior grau de legitimidade, os métodos do exercício de tal poder serão baseados na persuasão. (ANÁLISE GLOBAL, 2011, s.p.)

Pode-se abordar o tema usando as oposições, ou seja, *soft power* e *hard power*, onde o primeiro é a capacidade que o ator das relações internacionais tem de impor e fazer valer sua vontade sem o uso dos meios aplicados no segundo conceito, que são em suma, meios bélicos.

Nye sintetiza, que para se obter poder é necessário habilidade para influenciar e para tanto, cita três maneiras, “uma delas é ameaçá-los com galhos; a segunda é comprá-los com cenouras; e a terceira é atraí-los ou cooperar com ele para que queiram o mesmo que você. Se você conseguir atraí-los a querer o que você quer, te custarão muito menos cenouras e galhos.” (ANÁLISE GLOBAL, 2011, s.p.).

Nesse segmento, se objetiva conseguir o que se quer usando a persuasão ao invés da coerção, elemento do *hard power*. Países que possuem um forte traço cultural, uma postura ideológica incisiva e que investem em áreas, como artes, cultura e educação, tendem a ter poder de influência muito alto em certos campos, chegando a ser hegemônicos em alguns casos (NILLO, 2014, s.p).

O conhecimento é a pedra angular do mundo interconectado de hoje e pode ser utilizado como instrumento de *soft power*. A evolução das novas tecnologias da informação e comunicação de *cyberspace*, dos grandes volumes de dados de *infospace*, apresentam novas oportunidades e complexidades para o ensino superior internacional. Não se pode negar que o conhecimento pode levar a desequilíbrios de poder dentro e entre países e tal realidade é acentuada quando o ensino superior e o conhecimento são vistos como ferramentas do poder brando (KNIGHT, 2015, s.p.).

Diante dessa nova formatação educacional e do intercâmbio cultural das universidades, é possível ponderar, com base em Knight (2015, s.p.), que o ensino superior internacional tem assumido um papel proativo para assegurar que o conhecimento seja usado de maneira eficaz e no sentido de focar em desafios mundiais e desigualdades, reconhecendo a mutualidade de interesses e benefícios, assumindo o comando na promoção da noção da diplomacia do conhecimento.

O próximo tópico aborda o caso da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, buscando verificar a existência dos elementos conceituais tratados até esta parte do artigo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Nesta parte, primeiramente realiza-se uma descrição dos elementos fundantes da UNILA, procurando expor dentro da missão institucional os elementos ligados ao conceito anteriormente descrito. A seguir, apresentam-se dados relativos ao ingresso de estudantes entre os anos de 2010 e 2014, nos quais é possível verificar as diferentes nacionalidades dos discentes. Sobre as questões institucionais, utilizam-se dados do endereço eletrônico oficial da UNILA, informações sobre a comissão de implantação, o projeto de lei e posterior Lei Federal de fundação da instituição. Quanto aos dados numéricos, foram fornecidos pela Pro Reitoria de Graduação (PROGRAD) da universidade.

A MISSÃO INSTITUCIONAL

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) começou a ser estruturada em 2007 pela Comissão de Implantação, com a proposta de criação do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA), em convênio com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Itaipu Binacional. A Comissão de Implantação da UNILA foi instituída pela SESU/MEC, por meio da Portaria nº 43 de 17 de janeiro de 2008, presidida por Hélgio Trindade, professor titular de Ciência Política, ex-reitor da UFRGS e membro da Câmara de Educação Superior do CNE.

A esta comissão foi atribuída a missão de “realizar estudos e atividades para o planejamento institucional, a organização da estrutura acadêmica e curricular e a administração de pessoal, patrimônio, orçamento e finanças, visando atender os objetivos do Projeto de Lei”, contando “com o apoio de especialistas, escolhidos por sua competência no âmbito latino-americano e internacional” e buscando “atuar em rede com as universidades brasileiras, em intercâmbio com as instituições universitárias dos demais países da América Latina e organismos de integração regional”.

No dia 12 de dezembro de 2007, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva apresentou, ao Congresso Nacional, o projeto de lei que viria, mais tarde, a criar a UNILA. O Projeto de Lei foi aprovado por unanimidade em todas as comissões pelas quais passou, tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado Federal e no dia 12 de janeiro de 2010, a Lei 12.189 foi sancionada pelo presidente Lula, em cerimônia realizada em Brasília.

Inicialmente, a UNILA foi instalada provisoriamente no Parque Tecnológico Itaipu (PTI), em Foz do Iguaçu, iniciando suas atividades acadêmicas ainda em 2010, no dia 16 de agosto. Na ocasião, a Universidade já tinha cerca de 200 alunos oriundos do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina, subdivididos em seis cursos de graduação. Sua aula inaugural de início das atividades letivas, realizada no dia 2 de setembro de 2010, foi ministrada pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

A UNILA é um órgão de natureza jurídica autárquica, vinculado ao Ministério da Educação, com sede e foro na cidade de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná. Sua missão institucional é a de formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul (Mercosul).

A vocação institucional é o intercâmbio acadêmico e a cooperação solidária com países integrantes do Mercosul e com os demais países da América Latina. Os cursos oferecidos são em áreas de interesse mútuo dos países da América Latina, sobretudo dos membros do

Mercosul, em áreas consideradas estratégicas para o desenvolvimento e a integração regionais. Um dos pilares da vocação da UNILA é de ser uma universidade que contribua para a integração latino-americana, com ênfase no Mercosul, por meio do conhecimento humanístico, científico e tecnológico, e da cooperação solidária entre as instituições de ensino superior, organismos governamentais e internacionais.

A estrutura da instituição foi pensada a partir da ideia de uma concepção acadêmico-científica aberta aos avanços científicos, humanísticos e culturais atuais e futuros, comprometida com o destino das sociedades latino-americanas. As raízes do pensamento fundante estão referenciadas na herança da Reforma Universitária de Córdoba (1918), mas com uma perspectiva futura voltada para a construção de sociedades sustentáveis no século XXI, fundadas na identidade latino-americana, na sua diversidade cultural e orientada para o desenvolvimento econômico, à justiça social e à sustentabilidade ambiental, de acordo com as informações disponíveis sobre a UNILA.

A missão da UNILA é a de contribuir para o avanço da integração da região, com uma oferta ampla de cursos de graduação e pós-graduação em todos os campos do conhecimento abertos a professores, pesquisadores e estudantes de todos os países da América Latina. Como instituição federal pública brasileira pretende, dentro de sua vocação transnacional, contribuir para o aprofundamento do processo de integração regional, por meio do conhecimento compartilhado, promovendo pesquisas avançadas em rede e a formação de recursos humanos de alto nível, a partir de seu Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA), com cátedras regionais nas diversas áreas do saber artístico, humanístico, científico e tecnológico.

A expressão “integração latino-americana” não se restringe à concepção de uma América Latina como um continente nascido da colonização ibérica. A América Latina compreende todos os países do continente americano que falam espanhol, português ou francês, bem como outros idiomas derivados do latim. Compreende a quase totalidade da América do Sul, exceto a Guiana e o Suriname, fortemente influenciados pela cultura anglo-saxã. Engloba todos os países da América Central e também alguns países do Caribe como Cuba, Haiti e República Dominicana.

Da América do Norte, apenas o México é considerado como parte da América Latina. Os demais países norte-americanos tiveram colonização majoritariamente anglo-saxônica, com exceção de Quebec, que é de colonização francesa (portanto, latina), e dos estados do sudoeste dos Estados Unidos, de colonização espanhola, além da Luisiana, que tem colonização francesa. A América Latina engloba 21 países: Argentina, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá,

Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

Este é o contexto político-institucional, econômico, cultural dentro do qual a UNILA procura contribuir para a integração latino-americana, reconhecendo a diversidade das identidades nacionais e os elementos que cimentam as raízes e destino comum enquanto continente diante do mundo globalizado. O desafio a enfrentar por meio da educação compartilhada e solidária passa pelo enfrentamento de contradições e convergências, exemplificado na citação de Lino Borroto López:

Es nuestra consideración que el abordaje de la educación relacionado con la integración debe partir de varias respuestas a otras tantas preguntas. En primer lugar, si la educación la consideramos un factor de desarrollo, ¿cuál es el esquema de desarrollo que asumimos como paradigma?, ¿en qué carril del desarrollo nos vamos a montar? Y en otro sentido, ¿qué papel debemos asignar a la educación como mecanismo de preparación de los actores para vivir en una sociedad distinta donde el forme parte de un espacio local y a la vez de un espacio global? En fin, ¿cómo debe influir la educación en esse nuevo autoperibirse del ciudadano común en los nuevos tiempos?

A vocação internacional está presente em todas as deliberações e propostas adotadas desde a fase prévia à sua aprovação pelo Congresso brasileiro, constando que se trata de um projeto voltado para a América Latina e orientado pelo princípio da cooperação solidária. Para alcançar este objetivo, a UNILA mantém relações com instituições e organismos representativos da comunidade internacional e latino-americanos das quais pode-se citar o Espaço Comum de Educação Superior do Mercosul e Iberoamericano, Parlamento do Mercosul, União Européia, Agência Brasileira de Cooperação (ABC), Academias diplomáticas latino-americanas, Instituto Rio Branco, IPRI – Instituto de Pesquisa em Relações Internacionais, entre outras.

Dentro da Cooperação Solidária entre o Brasil e países da América Latina, buscam-se os seguintes objetivos: realizar parcerias, convênios de cotutela (doutorado) e intercâmbios com universidades de reconhecida qualidade acadêmica no Brasil e outros continentes (públicas e confessionais), desenvolvendo programas de mobilidade de docentes, estudantes e pesquisadores por um período determinado (ex. modelo “Erasmus” europeu); acolher estudantes do PEC-G e do PEC-PG, inclusive de países caribenhos não latinos, interessados em estudar na UNILA; desenvolver cooperação científica, prioritariamente com estabelecimentos de ensino superior da região Trinacional, com os principais centros de pesquisa do Brasil e de outros continentes (África, etc.), formando redes de pesquisa com o objetivo de promover a articulação acadêmico-científica, favorecer os avanços tecnológicos e científicos e a geração de soluções para problemas comuns; integrar-se em rede com as universidades brasileiras que

dediquem esforço teórico ao processo de integração, desenvolvendo vínculos relacionais permanentes ou temporários; criar e fortalecer espaços de educação superior, abertos e compartilhados, sem perder de vista o respeito à diversidade e às especificidades dos sistemas de educação superior de cada país; realizar trabalho compartilhado com instâncias de administração/gestão local e regional (Itaipu, Prefeitura, Governo, etc.) de forma a criar/oferecer um ambiente receptivo e acolhedor aos alunos e professores da UNILA; promover conjuntamente, Fórum Anual Internacional, para discutir problemas comuns da AL, convidando nomes de referência na cultura mundial; participar de programas de cooperação técnica prestadas a países em desenvolvimento e/ou recebida de países desenvolvidos; estruturar programas e políticas para a América do Sul, cuidando com a eventual força hegemônica brasileira, através da cooperação Sul-Sul.

INGRESSO DE ALUNOS ENTRE 2010 E 2014

Neste tópico, são apresentados alguns dados relativos ao ingresso de estudantes na UNILA. O objetivo é apontar a atividade internacional de educação, como forma de demonstrar os objetivos supramencionados em sua realização concreta. As informações são provenientes do Departamento de Informações Institucionais da Universidade e referem-se de 2010, quando iniciaram as atividades educacionais até o ano de 2014, cabendo observar que no ano de 2013 não houve ingresso de alunos devido à greve ocorrida no ano de 2012.

Tabela 01 – Seis cursos de graduação ofertados, somando a quantidade de 206 alunos, de 04 nacionalidades distintas ingressaram no ano de 2010.

2010								
CURSOS	BRASILEIROS	ESTRANGEIROS						TOTAL
		PARAGUAIOS	ARGENTINOS	URUGUAIOS	PERUANOS	CHILENOS	BOLIVIANOS	
CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA	21	3	2	8	X	X	X	35
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	17	3	4	3	X	X	X	27
CIÊNCIAS ECONÔMICAS	23	10	2	3	X	X	X	38
ENGENHARIA CIVIL DE INFRAESTRUTURA	21	9	6	X	X	X	X	36
ENGENHARIA DE ENERGIAS RENOVÁVEIS	18	14	4	1	X	X	X	37
RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INTEGRAÇÃO	17	11	3	3	X	X	X	34
TOTAL	117	50	21	18	X	X	X	206

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação, Departamento de Informações Institucionais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Tabela 02 – Doze cursos de graduação ofertados, somando a quantidade de 476 alunos, de 07 nacionalidades distintas ingressaram no ano de 2011.

2011								
CURSOS	BRASILEIROS	ESTRANGEIROS						TOTAL
		PARAGUAIOS	ARGENTINOS	URUGUAIOS	PERUANOS	CHILENOS	BOLIVIANOS	
ANTROPOLOGIA	28	X	X	6	X	X	X	34
CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA	21	13	2	4	2	1	X	43
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	20	10	1	5	1	X	3	40
CIÊNCIAS DA NATUREZA	27	3	X	X	X	X	2	32
CIÊNCIAS ECONÔMICAS	24	11	2	3	1	X	2	43
DESENVOLVIMENTO RURAL E SEGURANÇA ALIMENTAR	31	8	X	1	X	X	X	40
ENGENHARIA CIVIL DE INFRAESTRUTURA	20	15	2	1	3	X	8	49
ENGENHARIA DE ENERGIAS RENOVÁVEIS	17	15	1	6	2	X	6	47
GEOGRAFIA	27	1	X	3	X	X	X	29
HISTÓRIA	30	X	X	1	X	X	X	31
LETRAS	29	3	1	1	X	X	X	34
RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INTEGRAÇÃO	20	13	2	10	X	1	6	52
TOTAL	294	92	11	41	9	2	27	476

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação, Departamento de Informações Institucionais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Tabela 03 - Dezesseis cursos de graduação ofertados, somando a quantidade de 687 alunos, de 11 nacionalidades distintas ingressaram no ano de 2012.

2012												
CURSOS	BRASILEIROS	ESTRANGEIROS										TOTAL
		PARAGUAIOS	ARGENTINOS	URUGUAIOS	PERUANOS	CHILENOS	BOLIVIANOS	COLOMBIANOS	EQUATORIANOS	VENEZUELANOS	SALVADORENSES	
ANTROPOLOGIA	28	X	3	2	1	1	1	2	1	5	X	44
ARQUITETURA E URBANISMO	10	14	2	1	13	X	3	2	5	X	X	50
CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA	12	7	X	4	1	1	2	5	8	4	X	44
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	16	6	3	2	7	1	1	5	7	2	X	50
CIÊNCIAS DA NATUREZA	30	X	1	X	X	X	1	1	X	1	X	34
CIÊNCIAS ECONÔMICAS	9	10	2	2	8	X	3	2	4	3	1	44
CINEMA E AUDIOVISUAL	18	3	2	3	1	X	1	3	6	3	X	40
DESENVOLVIMENTO RURAL E SEGURANÇA ALIMENTAR	19	13	2	X	4	X	4	X	X	3	1	46
ENGENHARIA CIVIL DE INFRAESTRUTURA	4	11	3	X	6	X	6	5	12	1	1	49
ENGENHARIA DE ENERGIAS RENOVÁVEIS	9	4	2	8	4	3	6	5	8	1	X	50
GEOGRAFIA	38	3	1	X	1	1	X	X	X	2	X	46
HISTÓRIA	42	4	1	1	X	X	X	1	X	2	X	51
LETRAS	28	1	X	1	X	1	X	4	X	5	X	40
MÚSICA	8	4	1	X	1	1	X	1	6	X	X	22
RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INTEGRAÇÃO	8	5	2	X	7	3	5	6	9	2	2	49
SAÚDE COLETIVA	11	5	X	X	2	1	1	1	4	2	1	28
TOTAL	289	90	25	24	56	13	34	43	70	36	6	687

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação, Departamento de Informações Institucionais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Tabela 04 - Dezesesseis cursos de graduação ofertados, somando a quantidade de 554 alunos, de 11 nacionalidades distintas ingressaram no ano de 2014.

2014												
CURSOS	BRASILEIROS	ESTRANGEIROS										
		PARAGUAIOS	ARGENTINOS	URUGUAIOS	PERUANOS	CHILENOS	BOLIVIANOS	COLOMBIANOS	EQUATORIANOS	VENEZUELANOS	SALVADORENHOS	TOTAL
ANTROPOLOGIA	25	X	1	1	X	X	X	1	X	X	X	28
ARQUITETURA E URBANISMO	16	6	0	1	X	X	2	3	0	X	X	28
CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA	22	4	3	1	X	X	1	1	X	X	X	32
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	25	7	X	3	X	X	1	4	1	X	X	41
CIÊNCIAS DA NATUREZA	29	1	X	1	X	X	1	X	X	X	X	32
CIÊNCIAS ECONÔMICAS	22	7	X	1	X	X	X	2	2	X	X	34
CINEMA E AUDIOVISUAL	29	7	1	X	X	X	X	2	X	X	X	39
DESENVOLVIMENTO RURAL E SEGURANÇA ALIMENTAR	29	4	X	X	X	X	X	X	1	X	X	34
ENGENHARIA CIVIL DE INFRAESTRUTURA	24	12	X	X	X	X	2	6	X	X	X	44
ENGENHARIA DE ENERGIAS RENOVÁVEIS	24	15	X	2	X	X	2	5	3	X	X	51
GEOGRAFIA	28	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	28
HISTÓRIA	30	X	2	X	X	X	1	X	X	X	X	33
LETRAS	30	1	1	2	X	X	X	X	X	X	X	34
MÚSICA	17	2	1	X	X	X	1	X	X	X	X	21
RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INTEGRAÇÃO	21	4	6	4	X	X	2	1	3	X	X	41
SAÚDE COLETIVA	25	6	X	1	X	X	1	X	1	X	X	34
TOTAL	289	76	15	17	0	0	14	43	11	36	0	554

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação, Departamento de Informações Institucionais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Tabela 05 – Porcentagem de alunos brasileiros e estrangeiros matriculados nos anos de 2010, 2011, 2012 e 2014.

PORCENTAGEM DE ALUNOS INGRESSANTES 2010 (%)	
BRASILEIROS	56,7961165
ESTRANGEIROS	43,2038835
PORCENTAGEM DE ALUNOS INGRESSANTES 2011 (%)	
BRASILEIROS	61,76470588
ESTRANGEIROS	38,23529412
PORCENTAGEM DE ALUNOS INGRESSANTES 2012 (%)	
BRASILEIROS	57,14285714
ESTRANGEIROS	42,85714286
PORCENTAGEM DE ALUNOS INGRESSANTES 2014 (%)	
BRASILEIROS	52,16606498
ESTRANGEIROS	38,26714801

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação, Departamento de Informações Institucionais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Tabela 06 – Quantidades de alunos ingressantes na UNILA nos anos de 2010 a 2014 e suas nacionalidades, ressalva para o ano de 2013 quando não houve processo seletivo devido à greve institucional.

	BRASIL EIROS	PARA GUAIOS	ARGEN TINOS	URUG UAIOS	PERUA NOS	CHILE NOS	BOLIV IANOS	COLOM BIANOS	EQUAT ORIANOS	VENEZ UELANOS	SALVAD ORENHOS	FRANCES	ALEMÃES	TOTAL
2010	60	32	8	15	0	0	0	0	0	0	0	0	0	115
2011	135	68	10	33	9	2	16	0	0	0	0	0	0	273
2012	172	68	13	21	47	7	25	33	49	18	5	0	0	458
2013	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	4
2014	445	83	15	17	1	0	15	24	11	0	0	1	0	612
TOTAL	815	251	46	86	57	9	56	57	60	18	5	1	2	1462

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação, Departamento de Informações Institucionais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Verifica-se nos dados apresentados o ingresso de alunos estrangeiros na Universidade, sendo que até o ano de 2014 passaram pela Instituição mais de mil alunos de onze nacionalidades. Diante dessas informações, assim como o referido por Nye, de forma simplificada, recapitulamos a missão institucional da UNILA que é “formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul (Mercosul)” a sua vocação, que consiste no “intercâmbio acadêmico e a cooperação solidária com países integrantes do Mercosul e com os demais países da América Latina, por meio do conhecimento humanístico, científico e tecnológico, e da cooperação solidária entre as instituições de ensino superior, organismos governamentais e internacionais e, destaca-se que para o idealizador da definição *soft power* o poder não é só coação ou pagamento, é também, atração, a qual é muito mais que apenas persuasão ou a capacidade de mover as pessoas pelo argumento, é a capacidade de atrair.

Em outras palavras, verifica-se que a UNILA com o seu objetivo educacional vem atraindo jovens que ambicionam por um mundo mais integrado, onde as culturas, gêneros, nacionalidades, religiões, ideologias e afins sejam efetivamente respeitadas. De acordo com o mencionado nas conceituações dos capítulos anteriores, a educação e principalmente o intercâmbio no nível de ensino superior afirma essa premissa, ou seja, traduzindo as palavras de Aidarbek Amirbeka e Kanat Ydyrysb (2014, p. 515), o fornecimento de oportunidades educacionais para estudantes estrangeiros é um dos mais importantes instrumentos de *soft power* do estado. Estudantes estrangeiros bem sucedidos que juntamente com a aprendizagem da língua, se familiarizam gradualmente com as conquistas da ciência e da cultura do país

anfitrião, adquirem um valioso capital social depois de terem estudado no exterior. Conseqüentemente, depois de voltar com conhecimento adquirido somado as relações pessoais, tornam-se transmissores efetivos da língua, dos conhecimentos e da cultura do país onde estudaram. Como resultado, tem-se a eficácia da exposição ao mundo exterior com a ajuda da educação como um instrumento de poder suave, o qual gera um impacto significativo nas relações internacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o que foi discorrido no texto sobre evolução da educação e as relações internacionais, o *soft power* e sua conceituação, bem como a educação como forma de manifestação dessa definição de poder e, por fim a apresentação dos dados relativos à UNILA, percebe-se que a educação é um importante instrumento de poder brando nas relações internacionais.

O uso do poder cultural, poder das ideias, vem cada vez mais confirmando seu espaço na civilização do Século XXI, cada vez mais conectada e interdependente, sendo que essa forma de poder influencia a cooperação, o desenvolvimento pelo intercâmbio cultural e evidencia que educação pode ser usada como meio de atração pelos Estados, sendo assim considerado como um fator estratégico de diplomacia.

BIBLIOGRAFIA

AMIRBEKA, Aidarbek e YDYRYSB, Kanat. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042814043560>>. Acesso em: 29 de agosto de 2017.

ANÁLISE GLOBAL. *Soft power definição*. Disponível em: <<https://analiseglobal.wordpress.com/2011/07/26/soft-power-definicao/>>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

DUARTE, Paulo. **Soft China: O Caráter Evolutivo da Estratégia de Charme Chinesa**. Disponível em: <<http://contextointernacional.iri.puc-rio.br/media/5artigo342.pdf>>. Acesso em 29 de agosto de 2017.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. Tradução de Edmundo Cordeiro, disponível em: <http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Foucault_OrdemDoDiscurso.pdf>. Acesso em 15 de agosto de 2017.

GENTILI, Pablo. **Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000136&pid=S1414-

4077201200030001300021&lng=en>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Disponível em:<http://www.uepg.br/formped/disciplinas/FilosofiaEducacao/Sobre%20a%20Pedagogia_Introducao_Kant.pdf>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

KNIGHT, Jane. **Do soft power à diplomacia do conhecimento**. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/do-soft-power-a-diplomacia-do-conhecimento>>. Acesso em: 29 de agosto de 2017.

MORES, Isaias Albertin de. **O soft power e a construção da hegemonia estadunidense ao longodoséculoXX**. Disponível em: <<file:///C:/Users/Marjana/Downloads/O%20Soft%20Power%20e%20a%20Construç%3Bã%3Bo%20da%20hegemonia%20estadunidense%20-%20Isaias%20Moraes.pdf>>. Acesso em: 15 de julho de 2017.

NILLO, Weber da Silva. **Diplomacia pública promovida por meio da educação: o uso do soft power**. Disponível em: <<http://conic-semesp.org.br/anais/files/2014/trabalho-1000018572.pdf>>. Acesso em 10 de julho de 2017.

NYE, Joseph. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Disponível em: <[file:///C:/Users/ADMINISTRACAO/AppData/Local/Temp/Joseph%20S.%20Nye%20%20Jr.-Soft%20Power_%20The%20Means%20To%20Success%20In%20World%20Politics-PublicAffairs%20\(2005\).pdf](file:///C:/Users/ADMINISTRACAO/AppData/Local/Temp/Joseph%20S.%20Nye%20%20Jr.-Soft%20Power_%20The%20Means%20To%20Success%20In%20World%20Politics-PublicAffairs%20(2005).pdf)>. Acesso em 07 de julho de 2017.

PETERSON, Patti McGill. **Ideal para expandir soft power, ensino superior é nova arma diplomática**. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/ideal-para-expandir-soft-power-ensino-superior-e-nova-arma-diplomatica>>. Acesso em 07 de julho de 2017.

SILVA, Jemima Pascoal dos Santos e. **O Brasil no contexto da diplomacia e paradiplomacia educacional**. Disponível em: <[file:///C:/Users/Marjana/Downloads/Mono_graduao_Jemina%20PascoalF%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Marjana/Downloads/Mono_graduao_Jemina%20PascoalF%20(1).pdf)>. Acesso em 07 de julho de 2017.

UNILA. <https://www.unila.edu.br/>